

SEPARAÇÃO CONJUGAL: O QUE OS FILHOS ACHAM E COMO SE SENTEM?

Maria Alexina RIBEIRO*

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo levantar dados que contribuíssem para o esclarecimento de um tema pouco estudado em nosso país: a separação do casal e suas conseqüências para os filhos. Vinte e três adolescentes residentes em Brasília responderam a um questionário contendo perguntas sobre como se sentiram na época da separação dos pais, quais as coisas boas e as coisas desagradáveis que aconteceram em conseqüência da separação dos genitores. As respostas foram analisadas qualitativa e quantitativamente e comparadas com resultados de estudos realizados anteriormente.

I – INTRODUÇÃO

Com o aumento do número de separações e divórcios em todo o mundo, um grande número de pesquisadores, principalmente americanos, tem voltado sua atenção a este tema tão polêmico. A maioria das pesquisas enfoca as conseqüências da separação para o casal e os filhos, crianças e adolescentes, a reestruturação da família após a separação, o recasamento dos ex-cônjuges e a formação de novas famílias.

O divórcio dos pais tem sido relacionado com problemas de ajustamento e desenvolvimento dos filhos por alguns autores (Emery, 1982; Paris & Osterberg, 1986; Patten-Seward, 1984; Wallerstein, 1984; Westman, 1983; Zeanah, 1983. Outros

(*) Doutoranda em Psicologia pela Universidade de Brasília.

autores tentam mostrar que a separação pode ter conseqüências negativas, mas, com o tempo, crianças e adolescentes vão se ajustando à nova situação (Fine, Moreland & Schwebel, 1983; Kurdek, Blisk & Siesky, 1981). Alguns estudos, por outro lado, mostram que o divórcio dos pais, em muitos casos, pode ser melhor tanto para o casal quanto para os filhos (Boyd & Parish, 1983; Pardeck & Izikoff, 1983; Robson, 1983; Weiss, 1979).

As pesquisas que enfocam as conseqüências da separação para os filhos têm mostrado que estas conseqüências dependem, principalmente, da idade dos filhos na época da separação, o sexo e o conflito familiar que antecede, acompanha e, muitas vezes, continua existindo mesmo após a separação do casal.

Alguns autores afirmam que os filhos adolescentes são os mais afetados pela separação dos pais, enquanto outros acreditam que não, pelo fato de terem maturidade cognitiva para compreender as causas da separação. Segundo Sorosky (1977) os jovens que melhor elaboram o stress que acompanha o divórcio são os que têm uma adaptabilidade inata à mudança, os que possuem pouco resíduo da ansiedade de separação e os que resolveram com sucesso o conflito edípico. As perdas anteriores também são importantes. Adolescentes que foram adotados tendem a ver o divórcio como uma perda similar ao abandono dos pais biológicos.

Patten-Seward (1984) afirma que, tipicamente, o adolescente pode assumir um entre três papéis durante o processo de divórcio: torna-se aliado, amigo ou confidente de um dos pais; torna-se intermediário entre os pais; ou torna-se inimigo de um dos pais. Alguns podem reagir tentando negar a si mesmos que alguma coisa esteja acontecendo, mostrando incredulidade: "— Não com os meus pais". Outros podem exprimir seu egocentrismo: "— Como eles podem fazer isso comigo? "

Em um estudo com adolescentes perturbados, de população clínica, Westman (1983) encontrou três tipos de reações: aqueles cujos problemas, que já existiam anteriormente, foram exacerbados pelo divórcio dos pais; os que apresentaram tentativas prematuras para ingressar na vida adulta; os que revelaram um padrão de regressão temporária na forma de depressão, ansiedade ou raiva. O autor afirma que, em muitos

casos, o adolescente passa a ter responsabilidades como cuidar dos irmãos mais novos, em consequência de separação dos pais, o que pode frustrar as necessidades básicas de dependência e interferir no seu processo de desenvolvimento.

Poucos estudos têm focado a atitude dos filhos em relação à separação dos pais, o que eles pensam a respeito e como se sentiram. Em um estudo de Mitchell (1983) 38% dos adolescentes disseram que ficaram frustrados em consequência da separação dos pais, 12% declararam-se aliviados, 6% sentiram raiva, 6% ficaram surpresos e 16% tiveram sentimentos ambivalentes. Os 22% restantes não deram respostas. Mais da metade dos adolescentes afirmaram que havia conflito entre os pais antes da separação, no entanto, apenas 10% destes adolescentes consideravam a vida familiar infeliz. 54% dos adolescentes disseram que a vida familiar era feliz antes da separação.

Grünspun (in Veja, 1988) entre 1967 e 1974 fez uma pergunta a 10.000 filhos de casais separados com idade de até 40 anos, aqui no Brasil: "Você gostou de seus pais terem se separado?". Ele afirma que não recebeu sequer uma resposta afirmativa, e, no máximo, consideram a separação "um mal necessário". Segundo o autor, sua pesquisa demonstra que a separação é sempre traumática para a criança ou jovem.

Um estudo de Kurdek, Blisk e Siesky (1981) com crianças e adolescentes mostrou que estes tinham sentimentos muito negativos em relação à separação dos pais. Muitos definiram o divórcio em termos de separação psicológica e emocional. Segundo os autores, os dados da pesquisa mostram que passados 4 a 6 anos depois da separação dos pais os adolescentes têm um entendimento estável sobre o que aconteceu, mas continuam a mostrar mudanças positivas em seus sentimentos em relação ao divórcio.

Um estudo de Bucher (1980) com famílias residentes no Distrito Federal revelou que 55% dos filhos, de 8 a 16 anos, se posicionaram contra a separação dos pais, 11% se colocaram indiferentes à separação e 32% foram a favor. Do total, os que se mostraram contra foram aqueles cujos pais e mães os aceitaram no processo de separação, ou seja, dialogaram com eles e lhes deram explicações a respeito da separação. Os filhos que mostraram uma atitude mais próxima da indiferença à separação

dos genitores foram aqueles cujos pais os ignoraram e as mães os aceitaram durante a separação. Segundo a autora, em um certo grau, o tratamento dado pelos pais aos filhos interfere na atitude favorável ou desfavorável da criança em relação à separação dos genitores. O estudo mostrou que a atitude predominante dos pais foi de ignorar os filhos, em contraposição à das mães que foi de aceitação.

Quanto às explicações dadas pelos pais sobre a separação, o estudo de Mitchell (1983) revelou que 38% dos genitores deram alguma explicação, 36% afirmaram que as explicações eram desnecessárias, uma vez que as razões da separação eram óbvias, e 26% não haviam dado nenhuma explicação.

II – METODOLOGIA

a) Amostra

A amostra é composta de 23 adolescentes de ambos os sexos com idade média de 13 anos e 9 meses, residentes no Plano Piloto de Brasília, alunos da rede oficial de ensino. Destes, 13 residem com a mãe, 2 residem com a mãe e o padrasto, 2 com o pai, 2 com os avós, 2 com a mãe e a avó, 1 com a irmã e 1 reside com outra família. Vinte dos adolescentes têm contato com o genitor que mora separado e três não têm nenhum tipo de contato com ele. Este contato é feito uma vez por semana (06) de vez em quando (04) uma vez por mês (01) uma vez por ano (04) e por telefone ou cartas (03). O restante não respondeu (02).

b) Instrumento

A amostra foi selecionada através de um questionário contendo perguntas sobre idade, o que gosta e não gosta em sua família. Os sujeitos cujos genitores são separados deveriam dizer o que mudou em sua vida em consequência da separação dos pais, as coisas boas e as desagradáveis, com quem residem, como são os contatos com o genitor que reside separado, e como se sentiram na época da separação.

c) Procedimento

Foram aplicados 129 questionários em quatro turmas de um colégio da rede oficial de ensino de Brasília, pela pesquisadora. Os questionários foram respondidos por todos os alunos presentes sem distinção e, posteriormente, identificados aqueles cujos genitores são separados através das respostas que cada um havia dado. Dos 129 alunos, 23 (18%) são filhos de pais separados e 106 (82%) vivem com ambos os genitores.

III – RESULTADOS

As respostas dos adolescentes foram avaliadas qualitativa e quantitativamente. A autora tentou agrupar as respostas dadas a cada pergunta de acordo com o sentimento manifesto e o aspecto enfocado pelo respondente.

1. À pergunta “Como você se sentiu na época da separação dos seus pais?” os adolescentes deram respostas que podem ser divididas em 06 grupos:

A. Um grupo de seis adolescentes (26,1%) disse que não se lembrava porque era muito pequeno.

B. Um grupo de sete adolescentes (30,5%) respondeu que havia ficado triste com a separação dos pais.

– Deste grupo, três adolescentes (13%) responderam que ficaram tristes mas, com o tempo, o sentimento foi mudando:

- “Fiquei muito triste, mas consegui vencer tudo”.
- “Um pouco triste, mas passou”.
- “Ruim, mas passou com o tempo”.

C. Três adolescentes (13%) acharam preferível os pais se separarem que continuarem a viver em conflito:

– “Prefiro que eles se separem do que viverem infelizes juntos”.

– “Aceitei a idéia, pois não haveria mais brigas em casa”.

– “Foi horrível, achei que o mundo ia desabar sobre mim. Mas depois aceitei a idéia, pois não haveria mais brigas dentro de casa”.

D. Três adolescentes (13%) disseram que ficaram satisfeitos com a separação dos pais:

- “Eu não senti nada, eu achei até bom”.
- “Feliz”.
- “Meio constrangida mais feliz”.

E. Um grupo de 3 adolescentes (13%) revelou uma certa neutralidade ou indiferença.

F. Um adolescente (4,4%) revelou sentimento de rejeição e baixa auto-estima:

– “Eu me senti uma bola de futebol que depois de furada é jogada fora”.

2. Pergunta: “Quais as coisas boas que aconteceram depois da separação?”

A. Um grupo de seis adolescentes (26,1%) respondeu que nada agradável aconteceu depois da separação.

B. Cinco adolescentes (21,5%) relacionaram a separação com o fim das brigas em casa:

– “Meus pais pararam de brigar. E aquela desunião, agora é união, eles são amigos e se dão muito bem”.

– “Meu pai ficou bom e não tem mais brigas”.

– “Pararam as brigas de minha irmã com meu pai e minha mãe com meu pai”.

– “Muitas! Eles não brigam mais”.

– “Meus pais pararam de brigar”.

C. Quatro adolescentes (17,4%) relacionaram a separação dos pais ao aumento de liberdade e independência e novas amizades:

– “Eu aprendi a me virar sozinha, porque antes eu era muito mimada”.

– “Fiquei mais independente, mais livre”.

– “Fiz novas amizades”.

– “A gente passou a ter mais liberdade”.

D. Dois adolescentes (8,7%) deram respostas relacionadas à felicidade da mãe e sua própria felicidade como consequência da separação dos pais:

– “Minha mãe ficou mais feliz e eu também”.

– “Minha mãe se sente mais feliz”.

E. Dois adolescentes (8,7%) deram respostas que parecem estar relacionadas ao recasamento da mãe:

– “Só um irmão, mas mesmo assim eu não queria ele”.

– “Aumento da família (irmãos)”.

F. Um adolescente (4,4%) relacionou de maneira positiva a separação dos pais e o fato de ter mudado de cidade:

– “Mudei para uma cidade melhor e convivo mais com meus avós”.

G. Um adolescente (4,4%) considera a saída do pai de casa como uma consequência agradável da separação:

– “O meu pai ir morar longe”.

H. Um adolescente (4,4%) considerou positivo o fato da mãe ter conseguido criar os filhos sozinha:

– “Minha mãe conseguiu criar nós todos com boa alimentação”.

– Um adolescente (4,4%) não respondeu.

3. Pergunta: “Alguma coisa desagradável aconteceu depois da separação?”

A. Um grupo de nove adolescentes (39,1%) respondeu que nada desagradável aconteceu com a separação dos pais.

B. Quatro adolescentes (17,4%) deram respostas relacionadas com a ausência do pai:

– “Ficar sem pai é horrível”.

– “Eu não gostava muito da idéia. E meu pai foi morar sozinho e eu com minha mãe e duas irmãs”.

– “O meu pai ir morar longe”.

– “Não consigo falar abertamente com meu pai como falo com minha mãe”.

C. Dois adolescentes (8,7%) disseram que “muitas” coisas desagradáveis aconteceram, embora não tenham especificado quais.

D. A resposta de um adolescente (4,4%) está relacionada com a presença do padrasto:

– “Muitas. Uma delas é meu padrasto ficar mandando em mim”.

E. Dois adolescentes (8,7%) deram respostas relacionadas às mudanças de casa e colégio que aconteceram a partir da separação dos pais:

– “Tudo, principalmente este colégio”.

– “As brigas de minha mãe com minha avó, mas depois tudo voltou ao normal”.

F. Dois adolescentes (8,7%) deram respostas relacionadas aos comportamentos e atitudes que eles observam nos pais”.

– “Quando meu pai vê minha mãe, bebe demais”.

– “Sim, ver minha mãe triste”.

– Três Adolescentes (13%) não responderam.

IV – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados do presente trabalho estão de acordo com estudos realizados por outros autores, principalmente americanos. Alguns estudos mostram que a maneira como os filhos vão reagir à separação dos pais vai depender de alguns fatores como: idade; sexo; conflito familiar antes; durante e depois da separação; recasamento de um dos pais; mudanças reais que acontecem em consequência da separação (casa, cidade, colégio); relacionamento com o genitor que vai morar separado.

Alguns adolescentes afirmaram que não se lembram da separação dos pais porque eram muito pequenos. Isto não significa que não tenham tido reações e sentimentos em relação ao fato, pois segundo Emery (1982) a criança, mesmo bem nova, percebe e reage ao conflito parental. A autora afirma que estas crianças são mais suscetíveis por causa da maior dependência dos pais.

Outro grupo afirmou que havia ficado triste com a separação dos pais, sendo que para alguns este sentimento foi mudando com o passar do tempo, confirmando estudos anteriores de Fine, Moreland e Schwebel (1983) e Kurdek, Blisk e Siesky (1981). A separação dos pais pode representar, para os filhos, a perda de segurança e estabilidade e insegurança quanto ao futuro. Muitas vezes há um desequilíbrio, temporário ou duradouro, nas estruturas hierárquicas da família e um verda-

deiro tumulto no dia-a-dia dos filhos, uma vez que algumas modificações são necessárias para que haja uma nova estruturação a nível econômico, espacial e hierárquico. Todas estas mudanças, aliadas ao aspecto afetivo, talvez sejam responsáveis pelos sentimentos negativos vivenciados pelos filhos.

Algumas famílias precisam mudar de cidade, os filhos têm que mudar de colégio e deixar seus companheiros. Muitas vezes os filhos têm que assumir responsabilidades como cuidar dos irmãos menores, cuidar da casa ou mesmo trabalhar fora para ajudar nas despesas. Uma vez ajustados a esta nova realidade familiar é possível que os adolescentes vão tendo, aos poucos, uma percepção diferente da separação dos pais.

Para Sorosky (1977) e Westman (1983) esta tristeza pode ser acompanhada de culpa, tendendo à humilhação e ressentimento. Por outro lado, Maldonado (1987) afirma que "embora tristeza, revolta a mágoa possam perdurar por muito tempo em alguns filhos, outros surpreendem pela clareza com que percebem a deterioração do casal e pela capacidade de compreender a separação e ajustar-se à nova realidade" (página 136).

Quando o conflito na família é muito grande, há muita briga entre o casal e esta situação já vem se prolongando por algum tempo, a separação pode representar um alívio para todos. O conflito familiar é citado várias vezes pelos adolescentes. Alguns preferem os pais separados do que juntos em conflito. Outros apontam como algo positivo que aconteceu após a separação o fato de terem acabado as brigas em casa. Um grupo revelou ter ficado satisfeito com a separação dos pais.

Wallerstein e Kelly (1980) afirmam que um casamento infeliz para os adultos também é infeliz para os filhos. Para Maldonado (1987) "a atmosfera hostil, tensa e opressora de um casamento cronicamente insatisfatório não é benéfica para ninguém, e os filhos são, comumente alvo de descarga da frustração e irritação dos pais. Após a separação, algumas crianças e adolescentes, ao passarem a viver de modo mais tranquilo, ficam mais satisfeitos e descontraídos" (página 10).

Sentimento de rejeição e uma baixa auto-estima podem ser observados no início da adolescência como consequência da separação dos pais. Wallerstein e Kelly (1976) registraram sentimento de perda, rejeição e desamparo em crian-

ças. Quanto à auto-estima, vários estudos têm sido desenvolvidos no sentido de mostrar se a separação dos pais influencia negativamente a forma como os filhos se percebem a si mesmos. Um estudo de Pardeck e Izikoff (1983) mostrou que não havia diferença entre o autoconceito de adolescentes cujos pais são separados e aqueles de lares intactos. Por outro lado, pesquisas de Parish (1981) Parish e Osterberg (1986) e Ribeiro (1988) tiveram resultados diferentes.

Em nosso estudo (Ribeiro, 1988) feito com adolescentes residentes em Brasília, verificamos que a separação dos pais havia influenciado o autoconceito dos filhos em quatro dos seis fatores avaliados: segurança pessoal, atitude social, autocontrole e self ético-moral.

Alguns adolescentes falaram sobre aumento de liberdade e independência como consequência positiva da separação dos pais. Weiss (1979) acredita que a separação dos pais possa favorecer a maturidade precoce dos filhos. Segundo ele, as famílias onde há a presença dos dois genitores tendem a manter uma hierarquia da qual as famílias de um só pai podem abrir mão. A ausência desta hierarquia permite que o genitor, que trabalha em tempo integral, divida as responsabilidades domésticas com os filhos, mudando, assim, os papéis, de membro subordinado a jovem companheiro. E Reinhard (apud Block, Block & Gjerde, 1986) em um estudo com adolescentes, revelou que os sujeitos viam a si mesmos como tendo amadurecido rapidamente e não se sentiam afetados desfavoravelmente pela separação dos pais.

Por outro lado, Sorosky (1977) afirma que a separação dos pais, durante a adolescência dos filhos, pode intensificar os conflitos e crises normais deste período (conflitos internos e externos) e servir como meio de inibir sua expressão e resolução. Desta forma, o adolescente poderia apresentar problemas com relação à dependência-independência, entre outros.

O recasamento da mãe ou do pai, e, conseqüentemente, a presença de um padrasto ou madrasta (Stepfather, Stepmother) e de novos irmãos pode ser um acontecimento pouco harmonioso na família em busca de uma reestruturação. O padrasto ou madrasta, embora constituam modelos parentais bastante importantes, uma vez que há ausência de uma figura masculina ou feminina, podem constituir motivo de ciúmes dos

filhos que, algumas vezes, se sentem traídos ou rejeitados novamente. Para Francke e Reese (1980) o impacto do recasamento só é menor do que o impacto causado pelo divórcio. O desejo inconsciente da criança de reunir novamente os pais é destruído e ela é obrigada a conviver com o novo pai. As crianças que estão entrando para uma família reconstituída podem se sentir duplamente derrotadas, primeiro, por não terem sido hábeis para evitar o divórcio e, depois, por não terem conseguido prevenir o recasamento, segundo os autores.

A família reconstituída enfrenta muitos problemas. O casal vem de um ou mais casamentos anteriores, muitos trazem consigo filhos desta relação. A definição de papéis entre estas pessoas é vaga e confusa. Não existem prescrições claras de papéis sociais, por exemplo, do padrasto, no cuidado da criança ou da natureza das interações entre os ex-esposos e entre o pai biológico que não tem a custódia do filho e o padrasto deste. Segundo Bonhannon (apud Clingempeel, 1981) esta complexidade e ambigüidade das novas relações sociais resultam em um esforço tal dentro da nova família, que aumenta a probabilidade de uma nova separação.

A ausência do pai no lar foi citado por um adolescente como motivo de satisfação, enquanto quatro citaram como uma seqüência desagradável da separação. Um deles afirmou que "ficar sem pai é horrível". Sabemos que na grande maioria das separações os filhos ficam com a mãe, embora atualmente alguns pais tenham reivindicado a custódia dos filhos. 56,5% dos adolescentes do presente estudo residem com a mãe e 8,7% com o pai. Em outro estudo (Ribeiro, 1988) 81% dos adolescentes residiam com a mãe enquanto 16,6% residiam com o pai. No estudo de Mitchell (1983) 16% dos adolescentes viviam com o pai, 70% com a mãe e 14% viviam ora com um, ora com o outro. A "custódia conjunta" tem sido utilizada por alguns casais americanos como forma de amenizar os problemas advindos da ausência de um dos genitores. Desta forma os filhos convivem com ambos.

A presença do pai no lar é importante, não apenas como figura de identificação masculina, mas também como agente influente na aquisição de normas sociais, responsabilidade social, ajustamento social e comportamento delinqüente, segundo Pinheiro, Siqueira e Bücher (1983).

V – CONCLUSÃO E SUGESTÕES

A separação conjugal é um acontecimento bastante complexo dentro do ciclo vital da família, e suas conseqüências vão depender de como os seus membros lidam com as mudanças, ou seja, do grau de saúde familiar. Atualmente alguns casais têm procurado terapia antes de optarem pela separação. Segundo Framo (1978) três quartos dos casais que o procuram conseguem melhorar seus casamentos na terapia. No entanto, sabemos que nem todos os problemas são resolvidos com a terapia, e a terapia não é a única forma de se resolver problemas.

Quando o casal tem filhos os problemas parecem se multiplicar, pois às questões práticas (pensão, custódia, moradia, partilha dos bens da família) vêm se somar os conflitos e sentimentos de culpa de muitos pais, conseqüência de uma crença generalizada de que a separação é traumática para os filhos e que somente a família monogâmica nuclear pode suprir as necessidades do indivíduo e proporcionar-lhe condições para um desenvolvimento harmônico.

Uma separação, como outros acontecimentos que marcam o ciclo vital da família (casamento, nascimento do primeiro filho, morte de um membro, etc.) é um fator de stress para todos os envolvidos, incluindo amigos, famílias de origem e até mesmo os empregados. Mas acreditamos que se forem observados alguns aspectos, as conseqüências negativas poderão ser minimizadas. Entendemos que o casal, neste processo, está bastante envolvido emocionalmente e, muitas vezes, incapacitado de perceber algo que não seja sua própria dor, mas sua relação com os filhos é muito importante neste momento. Não existe uma "receita" que ensine o casal a se separar sem problemas, pois cada caso é único e deve ser visto na sua totalidade. Mas acreditamos que há alguns pontos mínimos que devem ser negociados pelo casal.

Um aspecto bastante importante é como falar sobre a separação com os filhos, embora muitos casais tenham dificuldades em fazê-lo. Segundo Dolto (1989) os filhos devem ser avisados de todas as decisões, mesmo quando se trata de crianças que ainda não andam. A autora afirma que os filhos devem saber que o divórcio libera o casal da fidelidade um ao outro e da obrigação de viver sob o mesmo teto, mas não o libera dos

seus deveres de parentalidade. Ou seja, o casal deixa de ser casal, mas não deixará nunca de ser pai e mãe. Os ex-cônjuges devem entender que as necessidades dos filhos precisam ser atendidas e suas responsabilidades como pais devem ser cumpridas.

A relação conjugal antes, durante e depois da separação, parece ser outro aspecto a ser considerado quando se fala em conseqüências para os filhos. Alguns autores questionam se é a separação em si ou o conflito que a acompanha o responsável pelos problemas manifestados pelos filhos. Sabemos que no processo de dissolução conjugal alguns aspectos que ficaram camuflados durante anos vêm à tona, e os filhos convivem com agressões verbais e físicas, chantagens emocionais e uma situação afetiva especial com relação aos pais. O casal deve estar atento a estes fatos, embora saibamos que não é uma tarefa muito fácil, uma vez que se trata de questões inconscientes.

As mudanças reais na vida dos filhos também são vistas como causas de problemas apresentados por eles a curto ou longo prazos. O casal deveria, dentro das suas possibilidades, procurar manter as condições de vida às quais as crianças estão habituadas. Mudança de colégio ou de casa requer das crianças um esforço para se adaptar a novos professores, amigos, vizinhança, que se somaria às dificuldades que elas já estão vivenciando a nível individual.

Nossa pesquisa teve como objetivo levantar dados que contribuíssem para o esclarecimento do tema. Apesar das limitações, consideramos que os resultados representam um ponto de partida importante para estudos futuros em um campo de pesquisa escasso em nosso país. Os dados aqui apresentados são apenas ilustrativos, uma vez que a amostra é pequena e não representativa em termos estatísticos. Sugerimos que estes resultados sejam expandidos por pesquisas subseqüentes, com amostras maiores, que levem em consideração outras variáveis importantes como: a existência ou não de conflito antes e durante a separação; a idade e o sexo dos filhos e as mudanças que ocorreram na vida familiar em conseqüência da separação do casal.

PARENTS SEPARATION: WHAT DO THE CHILDREN THINK AND HOW DO THEY FEEL?

ABSTRACT

The present research had the purpose of collecting data that could contribute for the explanation of a subject that is not very much studied in our country: the couple separation and its consequences for the children. Twenty-three adolescents from Brasília answered a questionnaire which included questions about how they felt at the time of their parents separation, which were the good things and the unpleasant things that happened as a consequence of the parents separation. The answers were qualitatively and quantitatively analysed and compared with the results of previous studies.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCK, J. R., BLOCK, J. e GJERDE, P. F. The personality of children prior to divorce: A prospective study. *Children Development*, 57, 827-840; 1986.
- BOYD, D. A. e PARISH, T. S. An investigation of father loss and college students' androgyny scores. *The Journal of Genetic Psychology*, 145 (2), 279-280; 1983.
- BUCHER, J. S. N. F. O processo de dissolução conjugal e a atitude dos filhos. Pesquisa subvencionada pelo CNPq. Processo nº 109098/78. Brasília; 1980.
- CLINGEMPEEL, W. G. Interpersonal relations and group process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41 (5), 890-901; 1981.
- DOLTO, F. Quando os pais se separam. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda; 1989.
- EMERY, R. E. Interparental conflict and the children of discord and divorce. *Psychological Bulletin*, 92 (2), 310-330; 1982.
- FINE, M. A., MORELAND, J. R. e SCHWEBEL, A. I. Long-term effects of divorce on parent-child relationship. *Developmental Psychology*, 19 (5) 703-713; 1983.

- FRAMO, J. L. The friendly divorce. *Psychology Today*, 11 (9), 77-102; 1978.
- FRANCKE, L. B. e REESE, M. The children of divorce. *Newsweek*, 11, 44-49; 1980.
- KURDEK, L. A., BLISK, D. e SIESKY, A. E. Correlates of children's long-term adjustment to their parent's divorce. *Developmental Psychology*, 17 (15), 565-579; 1981.
- MALDONADO, M. T. Casamento: Término e reconstrução. Petrópolis: Editora Vozes; 1987.
- MITCHELL, A. K. Adolescents' experiences of parental separation and divorce. *Journal of Adolescence*, 6, 175-187; 1987.
- PARDECK, J. T. e IZIKOFF, E. A comparative study of the self-concepts of adolescents from intact and non-intact families. *Personality & Individual Differences*, 4 (5), 551-553; 1983.
- PARISH, T. S. Concordance of children's descriptions of themselves and their parents as a function of intact versus divorced families. *The Journal of Psychology*, 107, 199-201; 1981.
- PARISH, T. S. e OSTERBERG, J. Evaluations of self, parents, and family: variations caused by family structure and personal stress. *The Journal of Psychology*, 119 (3), 231-233; 1986.
- PATTEN-SEWARD, P. Assessing student emotional behavior after parental separation or divorce. *Journal of School Health*, 54 (4), 152-159; 1984.
- PINHEIRO, A. A. A., SIQUEIRA, I. L. S. M. e BUCHER, J. S. N. F. Ausência do pai: Uma introdução ao tema. *Revista de Psicologia*, 1 (1), 107-122; 1983.
- RIBEIRO, M. A. O autoconceito de adolescentes segundo o sexo e a estrutura familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 4 (2), 85-95; 1988.
- ROBSON, B. E. And they lived happily ever after: Marriage concepts of older adolescents. *Canadian Journal of Psychiatry*, 28 (8), 646-649; 1983.

- SGROSKY, A. D. The psychological effects of divorce on adolescents. *Adolescence*, 12 (45), 123-136; 1977.
- VEJA. Os filhos do divórcio. Edição de 27 de janeiro, 50-57. Editora Abril; 1988.
- WALLERSTEIN, J. S. e KELLY, J. B. The effects of parental divorce: experiences of the child in later latency. *American Journal of Orthopsychiatry*, 46, 256-269; 1976.
- WALLERSTEIN, J. S. e KELLY, J. B. California's children of divorce. *Psychology Today*, 13 (8), 67-76; 1980.
- WALLERSTEIN, J. S. Children of divorce: Preliminary report of a ten year follow-up of children. *American Journal of Orthopsychiatry*, 54 (3), 444-458; 1984.
- WEISS, R. S. Growing up a little faster: The experience of growing up in single-parent household. *Journal of Social Work*, 35 (4), 97-111; 1979.
- WESTMAN, J. C. The impact of divorce on teenagers. *Clinical Pediatrics*, 22 (10), 692-697; 1983.
- ZEANAH, P. D. Children of divorce. *Issues in Comprehensive Pediatrics Nursing*, 6 (2), 91-106; 1983.